

## VARIANTES TEXTUAIS NO *LIVRO DO DESASSOSSEGO*: EDIÇÃO, CODIFICAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Diego Giménez\*

**RESUMO:** Em 1988, Ivo Castro, responsável pela edição crítica da obra de Fernando Pessoa para a Imprensa Nacional Casa da Moeda, perguntava, numa comunicação intitulada “Edição Crítica de Pessoa: O Modelo Editorial Adoptado”: “como negar ao leitor o máximo de conhecimento sobre o que está escrito por Pessoa nos manuscritos, quando sabemos que dentro de uma geração, provavelmente, nem o leitor, nem nós, seremos ainda capazes de decifrar a tinta sumida dos papéis?”. Neste artigo mantenho que a codificação das fases de escrita no *Livro do Desassossego* permite representar o processo de composição textual que é interpretado de maneira diferente pelos especialistas. A especificidade da escrita pessoana apresenta uma série de dificuldades que os especialistas enfrentam de forma diferente. Desta forma, a comparação entre o trabalho realizado com a edição crítica e o trabalho realizado com a codificação informática permite pôr em paralelo os problemas e soluções adotados em dois momentos diferenciados dos estudos pessoanos e dos estudos humanísticos em geral.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fernando Pessoa. Escrita. Edição. Livro do Desassossego. Variantes.

### Introdução

Faço parte da equipe que tem escrito os *Livros do Desassossego* desde 2012. Esta declaração, que podia soar entre suspeita e soberba, apoia-se no trabalho realizado no arquivo da obra em questão para a Universidade de Coimbra e no qual se incluem os testemunhos originais e as quatro edições principais (Jacinto do Prado Coelho, Teresa Sobral Cunha, Richard Zenith e Jerónimo Pizarro).<sup>1</sup> Note-se que a codificação como modo de escrita dos originais e com a comparação entre edições,

---

\* Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brasil. E-mail: [dgimenezdm@gmail.com](mailto:dgimenezdm@gmail.com)

1 Podemos considerar estas quatro edições como as principais porque trabalham diretamente as fontes originais no espólio da Biblioteca Nacional de Portugal e porque dialogam entre elas. Cada uma das edições influencia nas outras de forma implícita ou explícita, seja mediante novos descobrimentos de fragmentos que formam parte do corpus do Livro, seja mediante novas transcrições de trechos difíceis e que finalmente são adotados pelo resto de edições.



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons.

permite um acesso às fontes que podíamos intitular de *Close Reading*.<sup>2</sup> Este tratamento do material que forma o espólio possibilita abordar o objeto de estudo a partir de novas perspectivas que podem ajudar a pensar, ou repensar, os problemas e as soluções propostas na investigação e edição de Fernando Pessoa. O presente artigo é uma tentativa de pôr em paralelo o trabalho realizado pelo especialista Ivo Castro na edição crítica da obra de Fernando Pessoa para a Imprensa Nacional Casa da Moeda, através da Equipa Pessoa, e o trabalho realizado pelo professor Manuel Portela na edição digital e tomando como elemento de debate os acréscimos (<add>) e a sua interpretação. Neste sentido, o acréscimo efetuado pelo autor num texto, gerando assim uma variante, levanta uma série de problemas editoriais que remetem, por um lado, a uma determinada concepção da natureza ontológica do texto e, por outro lado, à epistemologia do texto. Assumir uma determinada linha editorial, neste caso pelo que respeita aos acrescentos, é assumir também uns axiomas filosóficos que fazem referência à dimensão ontológica e epistemológica mencionada. Neste sentido, apoio-me em parte no estudo dos investigadores Aurélien Bénel e Christophe Lejeune, os quais defendem que a tecnologia associada à web 2.0 pode relacionar-se às humanidades na medida em que apresenta analogias com a filosofia hermenêutica (BÉNEL & LEJEUNE, 2009, p. 563). Sigo também as teorias de W.W. Greg no artigo “The Rationale of Copy-Text” (GREG, 1950-51) e de Jerome McGann no livro *The Textual Condition* (1991). Segundo Greg, o papel do editor para fixar o texto pode ir para além da versão autorizada do texto se aceitamos que a interferência de outras leituras ou interpretações podem sugerir outras variantes. No caso de McGann, para o especialista, a condição textual das variantes caracteriza-se pela sua variabilidade. Portanto, coloca-se uma questão: em que medida a codificação ajuda a repensar o *Livro do Desassossego* e os textos que o compõem?

## Edição

---

2 Manuel Portela, num seminário lecionado na Universidade de Coimbra em Julho de 2014, afirmou que a codificação informática é uma nova forma de *close reading* na medida em que implica uma leitura atenta sobre o texto com o intuito de procurar a melhor solução de codificação.

Numa comunicação proferida em março de 2014 na Fundação Gulbenkian, intitulada “Codificação Informática do L. do D.”, apresentei parte do trabalho realizado no arquivo digital. Depois de enumerar as diferentes soluções adotadas para codificar uma substituição, um acrescento e um riscado, entre outros, levantou-se a pergunta para que servia saber se o acrescento de uma palavra se encontrava numa determinada posição, ou para que servia codificar e ter qualquer tipo de informação em código. O texto que segue é uma resposta a essa pergunta. A codificação permite identificar as linhas editoriais e mantém aberto o debate sobre questões de tipo teórico. Uma questão similar foi levantada à Equipa Pessoa dirigida por Castro. Na “Edição Crítica de Pessoa: O Modelo Editorial Adotado”, o especialista argumenta que:

Talvez não haja forma satisfatória de resolver o dilema entre clareza da página e riqueza de informação, sobretudo quando a realidade textual a representar é constituída por uma abundância de manuscritos profusamente emendados, entre os quais se reconhece uma evolução nem sempre linear. Como informar de tudo isso o leitor na superfície da página? Por outro lado, como não informar? Como negar ao leitor o máximo de conhecimento sobre o que está escrito por Pessoa nos manuscritos, quando sabemos que dentro de uma geração, provavelmente, nem o leitor, nem nós, seremos ainda capazes de decifrar a tinta sumida dos papéis [...]. (CASTRO, 1988, p. 31).

As palavras de Castro manifestam a importância de apresentar, numa edição crítica, a informação pertinente para que o leitor possa reconstruir a gênese do texto e optar por uma solução ou outra sobre as variáveis textuais que o texto proporcione. Neste artigo, vamos analisar o caso do acrescento (<add>) tal como é descrito pela edição crítica e compararemos com a mesma atividade por parte da equipe que trabalha no arquivo digital. Castro comenta:

De facto, ocorre por vezes a necessidade de distinguir, no comentário de um passo que foi revisto pelo autor, entre as correcções próprias, em que uma lição é eliminada e substituída por outra, não deixando ao editor maior espaço de manobra que a obediência cega, e aquelas outras situações em que o autor dispõe em pé de igualdade duas ou mais alternativas, sem dar sinal da sua preferência, assim se revelando em variação consigo mesmo. A estas é que se pode chamar variantes de autor. (CASTRO, 1990, p. 49).

Sobre estas variantes Castro defende que, escolhendo a última fase de revisão, o texto pode fixar-se de forma segura. Se é certo que há casos em que Pessoa teria escolhido não a última fase de revisão, e sim outras, na maioria dos casos, a última opção tem o valor de ser a última vontade do autor.

Com os critérios e métodos que tenho estado a expor, é possível concluir cerca de 95 por cento do estabelecimento do texto. Em síntese, pode dizer-se que, na quase totalidade do texto de Pessoa, o trabalho do editor consiste em reproduzir diplomaticamente a mais recente versão autógrafa e, na falta de autógrafos, a mais recente edição contemporânea do poeta ou, na falta desta, a mais antiga edição póstuma. A escolha da versão a reproduzir escapa a interferências subjectivas e a única grande dificuldade está em estabelecer a cronologia relativa dos testemunhos ou das lições, para determinar qual é mais recente. (CASTRO, 1990, p. 52).

Note-se que o critério assinalado pelo especialista é consequência de tentar evitar interferências subjetivas por parte de quem interpreta ou transcreve o texto. É possível esta suposta objetividade?<sup>3</sup> Pode-se prescindir das interferências subjetivas? Em contraponto com as premissas da Equipa Pessoa, as interferências subjetivas são um requisito da atividade científica, se atendemos às teorias de Bénéel e Lejeune, como veremos.

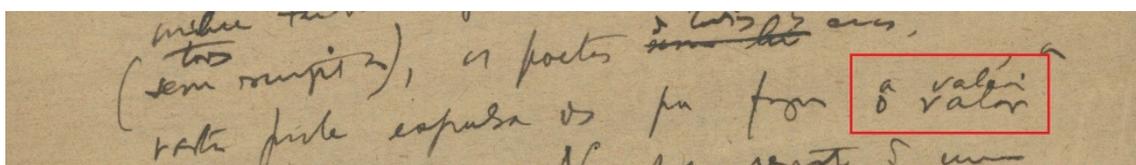
No caso do *Livro do Desassossego*, pode analisar-se a relação entre variantes (não correções) que o próprio escritor plasmou nos textos publicados em vida por ele. Ao analisar esses 12 textos, tentarei mostrar que tipo de valor conferiu Pessoa às diferentes fases de revisão.<sup>4</sup> Para ser exato, trata-se de 11 textos, dado que do fragmento “Na Floresta do Alheamento” só se conserva a publicação na revista

---

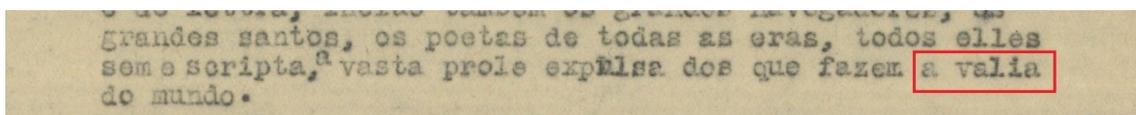
3 Greg, W.W. em “The Rationale of Copy-Text” discute a ideia dum texto autorizado em detrimento de outras leituras o interpretações do texto: “Between readings of equal extrinsic authority no rules of the sort can decide, since by their very nature it is only to extinsic relations that they are relevant. The choice is necessarily a matter for editorial judgement, and an editor who declines or is unable to exercise his judgement and falls back on some arbitrary canon, such as the authority of the copytext, is in fact abdicating his editorial function. Yet this is what has been frequently commended as 'scientific' -- 'steng wissenschaftlich' in the prevalent idiom -- and the result is that what many editors have done is to produce, not editions of theri authors' works at all, but only editions of particular authorities for those works, a course that may be perfectly legitimate in itself, but was not the one they were professedly pursuing”. (GREG, 1950-51, p. 28-29).

<sup>4</sup> Os fragmentos do *Livro do Desassossego* publicados em vida por Pessoa podem ser consultados por ordem de publicação em: (PESSOA, 2010, p. 42, 171, 191, 258, 323, 324, 325, 327, 328, 340, 390, 401). De fato, no total, Pessoa publicou em vida 132 textos em prosa e 299 poemas, ainda que de forma dispersa. Também publicou dois livros: editou na empresa Olisipo, em 1921, uma coleção dos *Poemas Ingleses* (PESSOA, 2010b) e, em 1934, publicou *Mensagem* (PESSOA, 2008b).

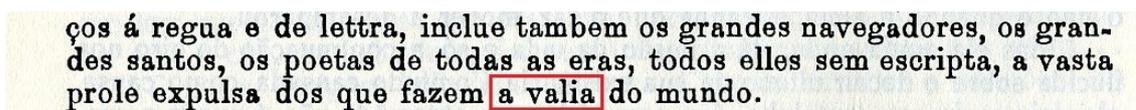
Águia (PESSOA, 2010a: 638). Os fragmentos publicados em vida, formados por diferentes documentos prévios à mesma publicação, dão conta das fases de escrita. Nestes textos prévios, o escritor soma uma ou duas variantes a uma palavra para terminar escolhendo uma delas no texto publicado. Estes 11 fragmentos contêm um total de 33 casos com variantes.<sup>5</sup> Sobre estas variantes, ao publicar, Pessoa escolheu em 27 ocasiões a opção acrescentada e em 6 a opção original. Isto é, em 82% dos casos preferiu a última fase de revisão do texto. Por exemplo:



(2-6<sup>r</sup>)



(2-7<sup>r</sup>)



(A Revista, n.º 4)

No primeiro texto do exemplo (2-6<sup>r</sup>) às palavras “o valor” Pessoa acrescentou as palavras “a valia”, criando duas variantes.<sup>6</sup> No texto a seguir (2-7<sup>r</sup>), possivelmente o texto preparado para a impressão, o escritor optou por uma das opções, “a valia”. Esta decisão foi mantida no texto final que foi publicado em *A Revista*, n.º 4 (Pessoa,

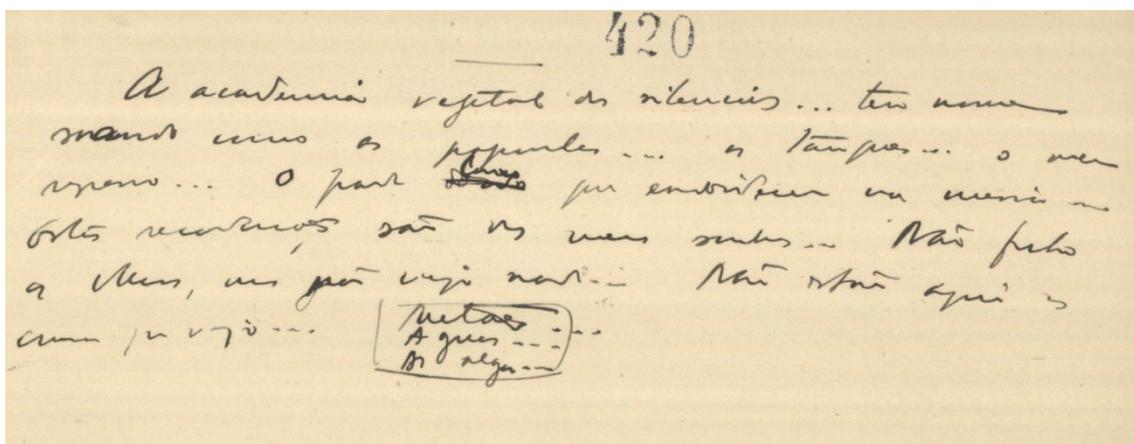
<sup>5</sup> No anexo final, pode consultar-se a tabela de variantes por cota.

<sup>6</sup> Não devemos confundir o acrescento da vírgula e da letra “a” com a frase “a valia”. Como se pode ver, o acrescento da vírgula e da letra “a” repetem-se no documento 2-7<sup>r</sup>.

2010a, p. 191). A variante do primeiro texto não é uma correção, ou, melhor dito, torna-se correção quando o autor toma uma decisão sobre as ditas variantes. Quando o autor não escolhe, é o especialista e editor quem têm de optar por uma das variantes se quer fixar o texto.

## Codificação

A codificação informática dos textos e a sua representação no arquivo permitem dar mais um passo na formalização das fases de escrita e de interpretação, na medida em que mostram tanto as variantes que Pessoa utilizou como as escolhas feitas pelos especialistas<sup>7</sup>. A edição crítica do *Livro do Desassossego* (2010) segue as indicações marcadas pela Equipa Pessoa no que respeita às variantes textuais, escolhendo, sempre que possível, a última fase de revisão do texto. Em que medida?



(5-64')

Este caso é um bom exemplo com diferentes tipos de correções e variantes que se ajustam à análise de Castro. O editor diferencia entre correções do próprio autor e

<sup>7</sup> A investigadora Johanna Drucker comenta em *Graphesis*: "The «book» of the future will combine reading and writing, annotation and social media, text processing and analysis, data mining and mind-mapping, searching and linking, indexing and display, image parsing and distant reading, in multi-modal, cross-platform, inter-media environment". (Drucker, 2014, p. 63).

variantes textuais, abrindo o espaço de interpretação para que o especialista escolha e possa, assim, fixar o texto. À frase “Aguas” acrescenta-se por cima a palavra “Metaes” e por baixo a frase “As algas”. As edições de Jacinto do Prado Coelho (PESSOA, 1982, p. 247, vol.I) e de Richard Zenith (PESSOA, 2012, p. 308) escolhem a palavra “Aguas” (com a variante ortográfica, no caso de Zenith: “Águas”). Na edição de Teresa Sobral Cunha, a editora (PESSOA, 2008, p. 168) escolhe “Água... Metais... As algas” e, na edição de Jerónimo Pizarro (PESSOA, 2010, p. 85), o especialista escolhe a frase “As algas”. Como se depreende, há discrepâncias no momento de interpretar qual é a melhor opção. Segundo o critério da Equipa Pessoa, uma vez analisada a cronologia da composição das variantes, é aconselhável optar pela última palavra ou frase para poder fixar o texto. Sobral Cunha prefere dar lugar a todas as variantes do texto. Jacinto do Prado Coelho e Richard Zenith preferem a opção original. O que possibilita a codificação informática com a norma do Text Encoding Initiative (T.E.I. <sup>8</sup>)?

```
<app>
  <rdg wit="#Fr346.WIT.MS.Fr346a.419.420">
    <seg xml:id="Aguas">Aguas</seg>
    <add place="below"><seg xml:id="Asalgas">As algas</seg></add>
    <add place="above"><seg xml:id="Metaes">Metaes</seg></add>
    <alt target="#Aguas #Asalgas #Metaes" mode="excl" weights="0.33 0.33
0.33"/></rdg>
  <rdgGrp type="substantive">
    <rdg wit="#Fr346.WIT.ED.CRIT.P">As algas</rdg>
    <rdg wit="#Fr346.WIT.ED.CRIT.SC">Águas... Metais... As
algas</rdg>
  </rdgGrp>
  <rdgGrp type="orthographic">
```

---

<sup>8</sup> T.E.I. (Text Encoding Initiative) designa uma norma de codificação de textos em formato digital, desenvolvida desde 1988 por um consórcio de instituições (universidades, bibliotecas, associações científicas, etc.). <http://www.tei-c.org/index.xml>.

```
<rdg wit="#Fr346.WIT.ED.CRIT.Z">Águas</rdg>
<rdg wit="#Fr346.WIT.ED.CRIT.C.2">Aguas</rdg>
</rdgGrp>
</app>
```

A codificação permite descrever computacionalmente como foram efetuados os acrescentos, mediante a fórmula `<add>`, e como foram interpretados pelos especialistas. O código é representado desta forma:

```
A academia vegetal dos silencias... teu nome
soando como as papoulas... os tanques... o meu
regresso... o padre ^louco que endoideceu na missa...
Estas recordações são dos meus sonhos... Não fecho
os olhos mas não vejo nada... Não estão aqui as
cousas que vejo... Aguas ^As algas ^Metaes...
---
```

Imagem do prototipo do Archivo LdoD (<https://projetoldod.wordpress.com/>)

Neste tipo de representação, não é preciso escolher entre as variantes textuais. Desta forma, compete ao utilizador escolher entre as opções.<sup>9</sup> Este ponto acrescenta uma nova dimensão à pergunta que Castro levantava ao princípio do texto, a saber, “como informar de todo ao leitor na superfície do papel”?<sup>10</sup> A

---

<sup>9</sup> É importante contemplar este apontamento de Johanna Drucker: “From a humanist perspective, our understanding of digital interface should build on critical study of the subject in literary, media, and visual studies. We need a theory of the ways interface produces subjects of enunciation, not users as consumers. The HCI «user» combines two ideological illusions in a single paradoxical identity: the predictability of a mechanized automaton and the myth of autonomous agency. Humanistic approaches to interface need to recuperate the theoretical formulation of subjectivity as a part of the enunciative apparatus, of positions spoken, articulated, created by the structuring and desiring machines of representation”. (DRUCKER, 2014, p. 146-147).

<sup>10</sup> Portela e Silva assinalam de forma clara a base teórica por detrás do arquivo LdoD: “Our rationale for the LdoD Archive considers the book as a potentiality that emerges from a conceptual and material order of writing. What we are doing is not only representing the genetic and social history of LdoD, and documenting variants and relations among authorial and editorial witnesses, a general principle of critical editions in print or digital form, but we are also using digital media and Web 2.0 functionalities to simulate that potentiality. The book emerges from a network of relations among writing fragments whose internal and external orders are defined and redefined by a changing bibliographic imagination. This tension between the order of writing and the order of the book is explored through the four functions described earlier”. (PORTELA & SILVA, 2014, p. 11).

representação digital das variantes no arquivo permite representar toda esta informação na superfície do écran e impele a que seja o utilizador a tomar uma parte ativa na atribuição de sentido do texto apontando uma possível interpretação das variantes no conjunto do texto. Em certa maneira, a representação digital parece dar argumentos à posição de McGann quando este afirma que, para além da variabilidade interpretativa (epistemológica), há também uma variabilidade textual (ontológica) que é constante: "Variation, in other words, is the invariant rule of the textual condition. Interpretive differentials (or the freedom of the reader) are not the origin or cause of the variation, they are only its most manifest set of symptoms" (MCGANN, 1991, p. 185).

## Interpretação

Aurélien Bénéel e Christophe Lejeune partem da concepção do filósofo Wilhelm Dilthey sobre o estudo científico fundamentado em documentos (BÉNÉEL & LEJEUNE, 2009: 564) para defender a relação entre as tecnologias associadas à web 2.0 com a hermenêutica. Segundo eles, para Dilthey, a intersubjetividade comum que sustém as redes de significação justifica os estudos para além da subjetividade dos indivíduos que a exercem. Neste sentido, a subjetividade é um requisito da investigação na medida em que, sem ela, não podia realizar-se nenhum tipo de estudo científico. Em que medida?

One of the major concepts of hermeneutics is represented by the phrase *liber et speculum*, which means both that "the mystery contained in the text is made explicit in our experience" and "we understand ourselves in the mirror of the words" [...]. In philosophical hermeneutics, the idea of *liber et speculum* is called 'understanding' by Dilthey. [...] As we noted above, understanding requires a cultural background and awareness of one's historical involvement (Gadamer's *Wirkungsgeschichtliches Bewusstsein*). Thus, understanding demands the consideration of the historical context of the phenomenon, the context of the analysis and the difference between these two subjectivities. Because of this alterity, subjectivity does not imply a lack of scientific rigour; it is a warrant of it. (BÉNÉEL & LEJEUNE, 2009, p. 567-568).

Desta forma, as tecnologias 2.0 servem como marco de comparação intersubjetivo que põe à prova a subjetividade duma interpretação.<sup>11</sup> Assim, podemos dizer que à norma T.E.I., criada por um consórcio de bibliotecas, universidades e associações que baseiam na colaboração o seu *modus operandi*, serve como marco de comparação da subjetividade dos investigadores que utilizam a norma. Este ponto serve para matizar o neopositivismo que pode associar-se ao trabalho informático sobre textos literários e ajuda a manifestar a mediação que se dá entre os dados, os metadados e a interpretação dos codificadores. De tal forma, diante da pergunta “para que serve codificar textos literários e que podem estes mostrar?”, podemos enumerar as seguintes tentativas de resposta:

A norma T.E.I. funciona como marco intersubjetivo adequado para a investigação científica nas humanidades, na medida em que está construída por diferentes agentes que submetem a revisão crítica a sua pertença e funcionamento;

A codificação dos textos literários, neste caso, os fragmentos do *Livro do Desassossego*, de Fernando Pessoa, permite identificar diferentes níveis de composição da escrita. A análise dos acrescentos <add> permite, assim, assinalar modos de edição por parte dos especialistas que escolhem variantes de forma díspar sobre um mesmo testemunho;

A análise destas escolhas permite identificar padrões de interpretação da escrita de Fernando Pessoa por parte dos especialistas. A fixação do texto obedece a uma determinada concepção da obra de Fernando Pessoa que ou dá valor à última fase de revisão do texto, ou dá valor àquilo que o especialista considera o significado semântico do mesmo;

Estas práticas permitem abordar um objeto de estudo de uma nova forma que também leva a questionar os modos de acesso a esse objecto;

---

<sup>11</sup> “In philosophical hermeneutics, the alterity between the social world and the analyst is completed with a second alterity between his/her viewpoint and that of his/her colleagues. After subjectivity, intersubjectivity becomes a test of the analysis” (BÉNEL & LEJEUNE, 2009, p. 572).

A codificação não é um fim em si mesma. É um meio que permite representar um objeto. Mediante a representação, através de uma linguagem comum criada para tal efeito, podem estabelecer-se marcos comparativos entre diferentes obras e textos de diferentes épocas.

Comecei este artigo afirmando que faço parte da equipe que escreveu os *Livros do Desassossego*. O arquivo, tal como a sua codificação, é o resultado de um trabalho coletivo e colaborativo que permite uma nova aproximação à obra pessoana e que evidencia o carácter social da mesma como descrevem Portela e Silva.<sup>12</sup> Isto é, tal como sugere Osvaldo Manuel Silvestre em “O que Nos Ensinam os Novos Meios sobre o *Livro do Desassossego*”, o arquivo revela as diferentes camadas de construção do *Livro*, que passam pela composição do texto, o trabalho de catalogação, a transcrição, a edição e, hoje, a representação digital.<sup>13</sup> A codificação dos fragmentos e a sua representação no arquivo, no entanto, não é uma forma de solucionar o desassossego pessoano. Trata-se de uma nova forma de apresentar e editar a escrita de Fernando Pessoa, a qual sempre vai conter um resto incompreensível:

É claro que por mais profunda e admirável que seja a análise de uma história, de uma obra musical ou de um quadro, haverá sempre espíritos que ficam indiferentes e colunas vertebrais que permanecem imutáveis. «Assumir-mos o mistério das coisas» - o que Lear tão sagazmente diz por Cordelia -, é o que eu também sugiro a todos os que levam a arte a sério. Roubam u um pobre homem o sobretudo (O Capote, de Gógol); outro pobre tipo transforma-se num insecto (A Metamorfose, de Kafka) - e depois? Não

---

<sup>12</sup> “This mode of virtualization enables different types of readers to reconstruct LdoD as an emergent textual field, and it depends essentially on features associated with editor-function and author-function. Because editing and writing operations are performed on texts encoded in the database that are made available through search and navigation features associated with reader-function and book-function, we may say that it is at this level that the full digital poiesis of the LdoD Archive is realized”. (PORTELA & SILVA, 2014, p. 12).

<sup>13</sup> “O que a fórmula pretende narrar é, basicamente, o devir-arquivo de Pessoa nas suas fases históricas decisivas: na fase inicial, a da edição da obra de Pessoa na Ática, e sendo o editor principal quem era (João Gaspar Simões, isto é, alguém muito céptico em relação ao alcance da heteronímia), Pessoa era o nome ou metanome de Autor que, das capas dos livros ao critério filológico e editorial, regulava toda a edição. A partir de certa altura, que podemos situar na década de 80, Pessoa começa a ser não o metanome mas cada vez mais um deíctico para um espólio metonimicamente indexado a uma arca. A transformação do espólio em arquivo, por meio dos trabalhos de instituições competentes para o efeito, ocupa as décadas posteriores, até à digitalização actual, que encerra um processo historicamente necessário, a partir do momento em que se lançam os trabalhos da edição crítica, mas não sem efeitos sobre a própria constituição daquilo que é hoje um Pessoa-Arquivo. (SILVESTRE, 2014, p. 87).

há nenhuma resposta racional para este «e depois». Podemos decompor a história, podemos descobrir como encaixam os seus elementos, como uma parte do esquema corresponde a outra; mas tem de haver em nós uma determinada célula, um determinado gene, um determinado germen, que vibre em resposta a sensações que não podem ser definidas nem descartadas. Beleza mais compaixão - é o máximo que podemos aproximar-nos de uma definição de arte. Onde há beleza há compaixão, pela simples razão de que a beleza tem de morrer: a beleza morre sempre, a forma morre com a matéria, o mundo morre com o indivíduo. (NABOKOV, 2004, p. 11-12).

Os manuscritos de Fernando Pessoa, na sua materialidade e na sua formalização em forma de edições ou arquivo, são belos porque provocam nas suas constantes reverberações essa vibração que não pode ser nem descartada nem definida. A interpretação contém uma carga subjetiva que deve ser tida em conta e que, no caso de Bénel e Lejune, é requisito da investigação. Mas o texto material também contém um resto inefável que o constitui. Trata-se da variabilidade da condição textual, em palavras de McGann. Essa beleza tem de morrer para além de nós, como manifesta Borges no poema *Las Cosas: Durarán más allá de nuestro olvido; no sabrán nunca que nos hemos ido*. No intento de captura e compreensão desse instante textual, destinado ao fracasso, encontramos certa culminação estética.

### Anexo: Variantes <add>

1-53 <sup>r</sup> , 1-54 <sup>r</sup> , <i>Revolução</i> , n.º 74.	fraco / <u>débil</u>	2 variantes.
1-88, <i>A Revista</i> , n.º 2.	morte / afastada / <u>separada</u> doentes / <u>quedos</u> ser / <u>sentir-me</u>	7 variantes
2-6 <sup>r</sup> , 2-7 <sup>r</sup> , <i>A Revista</i> , n.º 4	o valor / <u>a valia</u>	2 variantes
2-78, 3-36 <sup>r</sup> , 3-37 <sup>r</sup> , 3-78 <sup>r</sup> , <i>Presença</i> , n.º 27.	---	Sin variantes
3-85 <sup>r</sup> , 3-86 <sup>r</sup> , 3-87 <sup>r</sup> , 3-88 <sup>r</sup> , <i>Presença</i> , n.º 34.	intervallares / <u>irregulares</u>	2 variantes
4-3 <sup>r</sup> , 4-4, <i>Descobrimento</i> , n.º 3.	<u>creio bem</u> / certo / fiel <u>Considero</u> / Tenho <u>como</u> / por	7 variantes
4-5 <sup>r</sup> , 4-6 <sup>r</sup> , 4-7, <i>Descobrimento</i> , n.º 3.	sexo / <u>desejo</u> grammatical / <u>sintáctica</u> do delirio / <u>da delicia</u> delirio / <u>devaneio</u> correr / <u>esquecer-se</u> côr / <u>sedas esbatidas</u> <u>leve</u> / (tire) vejo / <u>estou vendo</u> a celebre página / <u>o passo celebre</u> amada / <u>clara</u>	26 variantes

	côro angelico / <u>côres ideais</u> ler / sentir trecho / <u>certeza</u>	
4-8 <sup>r</sup> , 4-9 <sup>r</sup> , <i>Descobrimento</i> , n.º 3.	varrido / <u>despido</u> separadoras / <u>fechadoras</u> remédios / <u>paredes</u>	6 variantes
4-14, 4-15 <sup>r</sup> , 4-16 <sup>r</sup> , <i>Descobrimento</i> , n.º 3.	abaixa / <u>agacha</u> acastanhadas / <u>escurecidas</u> cessa / <u>se acaba</u> fechado / <u>recluso</u> <u>alto</u> / morto	10 variantes
4-17 <sup>r</sup> , 4-18 <sup>r</sup> , 4-19, <i>Descobrimento</i> , n.º 3.	fisicamente / <u>físico</u>	2 variantes
4-46 <sup>r</sup> , 4-47 <sup>r</sup> , <i>A Revista</i> , n.º 1.	natural / <u>de ali</u> posso / <u>sei</u>	4 variantes
		68 variantes

### TEXTUAL VARIANTS IN THE *BOOK OF DISQUIET*: EDITION, CODIFICATION AND INTERPRETATION

**ABSTRACT:** In 1988, Ivo Castro, responsible for the critical edition of the work of Fernando Pessoa for the Imprensa Nacional Casa da Moeda, asked to the audience in a communication entitled “Edição Crítica de Pessoa: O Modelo Editorial Adoptado”: “How deny to the reader all the knowledge in Pessoa’s writing, when we know that, in generations, probably, neither the reader, neither us, will be able to decipher the missing ink of the papers?”. In this article I suggest that the encoding of the writing phases of The Book of Disquiet allows to represent the textual composition process that is interpreted differently by the experts. The specificity of Pessoa’s writing presents a number of difficulties that the experts face differently. Thus, the comparison between the work done by the critical edition and the work done with the encoding allows to put in parallel the problems and solutions adopted in two different moments of Pessoa’s studies and humanities in general.

**KEYWORDS:** Fernando Pessoa. Writing. Edition. Book of Disquiet. Variants.

### Referências

Bénel, A. & Lejeune, C. Humanities 2.0: documents, interpretation and intersubjectivity in the digital age. *Int. J. Web Based Communities*, Vol. 5, n. 4, p. 562-576. 2009.

Castro, Ivo. Edição Crítica de Pessoa: o modelo editorial adoptado. *Actas del “Encontro Internacional do Centenário de Fernando Pessoa*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa: pp. 30-40. 1988.

\_\_\_\_\_. *Defesa da edição crítica de Fernando Pessoa*. Lisboa: Edição do autor para a INCM, 1990.

\_\_\_\_\_. *Editar Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2013.

Drucker, Johanna. *Graphesis. Visual Forms of Knowledge Production*. China: Harvard University Press, 2014.

Ernst, Wolfgang. *Digital Memory and the Archive*. Minnesota: University of Minnesota Press, 2013.

Greg, W.W. The Rationale of Copy-Text. *Studies in Bibliography*, v. 3, pp.19-36, 1950-51.

Hayles, N.K. & Pressman, J. (editors). *Comparative Textual Media*. Minnesota: University of Minnesota Press, 2013.

Nabokov, Vladimir. Prefácio à *A Metamorfose*, de Kafka. Lisboa: Relógio d'Água, 2004.

McGann, Jerome. Texts and Textualities. *The Textual Condition*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, p. 3-16. 1991.

\_\_\_\_\_. Conclusion. *The Textual Condition*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, p. 177-186. 1991.

Pessoa, Fernando. *Livro do Desassossego*. Edição de Jacinto do Prado Coelho, Maria Aliete Galhoz y Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Ática, 1982.

\_\_\_\_\_. *Livro do Desassossego*. Edição de António Quadros. Sintra: Europa-América, 1986.

\_\_\_\_\_. *Livro do Desassossego*. Edição de Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Relógio d'Água, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Mensagem*. Edição de António Apolinário Lourenço. Coimbra: Angelus Novus, 2008b.

\_\_\_\_\_. *Livro do Desasocego*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. vols. Edição Crítica de Fernando Pessoa, serie mayor, vol. XII, 2010a.

\_\_\_\_\_. *Poemas Ingleses*. Edição de Jorge de Sena. Lisboa: Guimarães Editores, 2010b.

\_\_\_\_\_*Livro do Desassossego*. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 2012.

\_\_\_\_\_*Livro do Desassossego*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta da China, 2013a.

\_\_\_\_\_*Livro do Desassossego*. Edição de Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Relógio de Água, 2013b.

Portela, Manuel. *Scripting Reading Motions*. Cambridge: MIT Press, 2013.

Portela, M. & Silva, A.R. A Model for a Virtual LdoD. *Literary and Linguistic Computing*, v. 29. Online ISSN 1477-4615 – Print ISSN 0268-1145. 2014.

PRESSMAN, Jessica. *Digital Modernism*. New York: Oxford University Press, 2014.

SILVESTRE, Osvaldo M. O que Nos Ensinam os Novos Meios sobre o *Livro do Desassossego*. *MATLIT: Revista do Programa de Doutoramento em Materialidades da Literatura*, v. 2, n. 1, p. 79-98. ISSN 2182-8830. Disponível em: <<http://iduc.uc.pt/index.php/matlit/article/view/1818>>. Acesso em: 14 Nov. 2014. doi:10.14195/2182-8830. 2014.

**Recebido em: 14/04/2016.**  
**Aceito em: 31/05/2016.**